

A person in silhouette stands on a balcony, looking out over a cityscape at sunset. The sky is filled with warm, golden light and scattered clouds. The city below is densely packed with buildings, and a few construction cranes are visible in the distance. The person is wearing a dark jacket and has their hand near their face, possibly holding a phone.

O DIA INICIAL

um filme de Cláudia Alves

uma produção da Blablaba Media



CONTEÚDOS

Pág. 3 FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA + CONTACTOS

Pág. 4 SINOPSE

Pág. 5 NOTA DE INTENÇÕES

Pág. 7 TRATAMENTO

Pág. 8 I. PERSONAGENS
A protagonista
Os gatos
As outras personagens

Pág. 11 II. NARRATIVA
Notas breves
Linhas narrativas
Estrutura narrativa e progressão

Pág. 14 III. DISPOSITIVO CINEMATOGRAFICO
Estilo Visual e Sonoro

Pág. 16 IV. A PROTAGONISTA NA 1ª PESSOA
A pandemia e os cuidados de saúde
A comunicação e a vivência do luto
Memória e futuro

Pág. 19 TEASER DO FILME

Pág. 20 BIOFILMOGRAFIA DA AUTORA

Pág. 21 ANEXO: ARGUMENTO PROVISÓRIO

Título da Obra:

O Dia Inicial

Género:

Documentário

Realização:

Cláudia Alves

Produção:

Blablaba Media

.....

Duração aproximada:

80'

Suporte de captação:

Vídeo, 16:9, HD (1080p)

Suporte final

HD (1080p)

DCP norma JPEG 2000

Idioma em que a obra é falada:

Português

Status:

Work in Progress

(montagem provisória)



Contactos:

Filipe Araújo | Blablaba Media | filaraujo@blablablamedia.com | www.blablablamedia.com
Cláudia Alves | claudiavalves@gmail.com | www.claudia-alves.com



SINOPSE

Uma médica vê-se obrigada a ficar em casa mal é decretado o estado de emergência. Com a pandemia covid-19 a paralisar a vida de muitos, esta oncologista passa a responder a pacientes, colegas, família e amigos à distância, sempre na companhia dos seus dois gatos. À medida que mergulhamos na sua intensa rotina de trabalho, conhecemos outras facetas da sua vida. Prestes a cumprir quarenta anos, interroga-se se quer ter filhos, mudar de emprego e de país, apesar da incerteza do momento presente.

NOTA DE INTENÇÕES

O DIA INICIAL nasce da necessidade de um recomeço. Em quarentena, eu e a maior parte dos portugueses, vê-se de repente a viver 24 horas entre quatro paredes. E agora? Depois de mim, foi a minha companheira, a Joana, que embora trabalhando como médica, não estava na primeira linha de assistência aos doentes covid. No entanto, como oncologista, não podia deixar de acompanhar os seus pacientes que agora, mais do que nunca, precisavam de esclarecer dúvidas e perceber se haviam de parar ou prosseguir com os tratamentos oncológicos, devido à fragilidade da sua imunidade. Com o coronavírus, a imunidade de qualquer um de nós foi posta à prova. Aliás, a imunidade do mundo.

Espontaneamente, comecei a filmar. Ao fim de três dias de filmagem percebi que dali poderia surgir um documentário. Comecei a tirar notas, a esquematizar planos, a planejar enquadramentos a partir das nossas vivências quotidianas e aprendi, sobretudo, a lidar com o imprevisto. Nunca sabia quando o telemóvel ia tocar... As notícias eram uma constante, tanto de telejornais como da imprensa escrita e das redes sociais. Mas, o mais interessante para mim, foi complementar essa informação tão nova com os artigos científicos que a Joana lia, acabados de serem publicados. Tudo era completamente novo, para mim, para todos nós. Eu, que estou a fazer um documentário de arquivo sobre as damas enfermeiras da Primeira Guerra Mundial e que puderam testemunhar a gripe espanhola, parei a minha pesquisa, e comecei a pesquisar com a minha câmara! Cem anos depois a História repetia-se. E nós, desarmados, sem nada para nos defender. "Apenas" uma máscara, como fizeram os nossos antepassados. Felizmente depois chegou a vacina, mas quando comecei a filmar, a vacinação era apenas uma luz ao fundo do túnel.

Sempre que a minha "personagem" saía de casa, dava-lhe para a mão uma pequena câmara digital e pedia-lhe que registasse os trajetos e alguns momentos do seu dia, com um pedido: que pudesse também dizer em voz alta aquilo que estava a sentir no momento. Fui compilando esse material e decidimos em conjunto que a estética seria a de uma câmara em mão, sem qualquer tipo de pretensiosismo. A resolução bem como o formato dessas imagens eram completamente diferentes relativamente às imagens do restante filme e decidi assumir isso.

Após quase um ano de filmagem, ao estilo "one person crew", comecei a fase de visionamento e guião de montagem, reescrevendo todo o tratamento. Sem dúvida que fazia falta solidificar a estrutura, trabalhar a coerência e harmonia do filme para torná-lo mais consistente e reforçar a

progressão da narrativa. Foi nesse momento que entrou na equipa o montador Raúl Barreiras, com quem foi possível trabalhar a reescrita do guião, mas desde a montagem. Sendo um filme ainda “muito fresco” precisei de criar distanciamento para que dos interstícios do material filmado surgissem pequenas subtilezas que pudessem ser trazidas para a *timeline*, trazendo ao espectador uma reflexão que vai para além da primeira leitura das imagens. Desse trabalho de detalhe e busca incessante, nasce a poesia e profundidade do filme. Foi muito importante encontrar pontos de viragem e surpresa na narrativa, para criar um crescente interesse do espectador pela história.

A minha intenção foi, desde o início, fazer um filme com um “personagem” e nunca sobre um “personagem”. Ainda que eu praticamente não apareça em imagem (apenas na sequência do 25 de Abril), este filme revela bem a relação entre quem filma e quem é filmado, não apenas nessa relação entre realizador e sujeito (pois essa relação nunca pode ser apagada), mas sim como dois seres que se amam e partilham a vida. É um retrato de uma relação de duas pessoas do mesmo sexo que vivem juntas. Se bem que no meio do cinema (o meu), ser homossexual não é um entrave em termos profissionais, na área da saúde, especialmente em alguns meios, não é tão bem visto. Mas, como dizia, um outro personagem no filme (numa das sequências finais desta montagem) é importante assumir a relação, seja através de uma união de facto ou de um casamento. Este exemplo concreto espelhado neste filme particular, é uma forma também de fazer frente a todo e qualquer preconceito homofóbico.

O filme encontra-se em fase final de montagem. Foi um processo de trabalho muito pessoal, de grande compromisso, e nele vejo refletidos o amor, a intimidade e a vontade de superar o medo, em tempos de coronavírus. No fundo, pretendo através deste filme contar uma história tão singular como universal, durante pouco mais de um ano de pandemia.

Cláudia Alves

TRATAMENTO

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo

25 de Abril, Sophia de Mello Breyner

I. PERSONAGENS



A PROTAGONISTA

Joana Ribeiro (39 anos) é médica oncologista, vive e trabalha em Lisboa. Adora a sua profissão e diz que a ciência é a sua religião. Tem uma vida preenchida entre o trabalho, a família e os amigos.

Atualmente trabalha na Unidade de Mama da Fundação Champalimaud. Ali divide o seu tempo entre o consultório e a atenção aos doentes, com quem tem uma relação afável, e o laboratório, onde tenta contribuir para o conhecimento aprofundado do cancro de mama, envolvendo-se em inúmeros projetos científicos.

Quando a pandemia covid-19 se instalou em Portugal, os oncologistas daquela instituição começaram a dividir-se por turnos, tentando proteger o mais possível os seus pacientes, através de teleconsultas. Como sabemos, os doentes oncológicos estão imunologicamente mais frágeis para enfrentar o vírus sars-cov-2. Muitas consultas passaram a ser feitas desde casa. É aqui que começa o nosso filme...

Com Joana em casa, assistimos às chamadas constantes com os seus pacientes e colegas de profissão. O telefone não para de tocar. Amigos e familiares tentam esclarecer dúvidas sobre como lidar com a pandemia e desabafam sobre o novo estado do mundo. Através destes telefonemas, conhecemos o seu caráter e os seus desejos. Bem-disposta e divertida, consegue lidar com temas sérios com uma leveza invejável. Mas a vida tem altos e baixos. Acompanhamos também a sua avó Ludovina, com 93

anos, que se encontra num lar de terceira idade e cujo estado de saúde se fragiliza ao longo da pandemia. Comunicam-se através de videochamadas, encurtando assim a distância que esta pandemia trouxe a todos aqueles que mais amamos.

Joana vive em união de facto com Cláudia (iremos conhecê-la gradualmente ao longo do documentário). A nossa protagonista tem dois gatos e a sua presença é fundamental em todos os momentos da sua trajetória, chegando mesmo a parecer personagens principais de algumas cenas. Sem a serenidade deles, ela seria incapaz de refletir sobre o que mais a preocupa no mundo de hoje. O facto de estar quase a completar 40 anos, leva-a a pensar se quer ou não engravidar. Num ano de tantas mudanças, interroga-se também sobre outros aspetos da vida: Como lidar com a doença da avó? Com uma carreira que parece ser brilhante, quais os desafios para a nova década?

OS GATOS

Aphelio e Brave são os dois companheiros inseparáveis de Joana. O Aphelio é reservado, enquanto o Brave é extrovertido e brincalhão. Quando Joana chega a casa vêm recebê-la à porta. Gostam de assistir o telejornal e não perdem a oportunidade de ronronar junta à sua dona. Ficam inquietos quando esta se mostra preocupada, mas logo juntam as suas forças e transmitem-lhe serenidade. Do cimo de um escadote, Brave espreita o mundo pela janela, enquanto Aphelio tenta conseguir com engenho uns grãosinhos de ração.

Ambos adoram uma boa sesta ao sol na varanda da sua casa. É impossível resistir a estes dois gatos tão afáveis.



AS OUTRAS PERSONAGENS

Avó Ludovina: avó materna com quem Joana tem uma relação especial. Antes da pandemia, os sábados estavam reservados para visitá-la, mas agora as videochamadas vieram ajudar a matar saudades.

Cláudia: companheira de Joana, presença constante na sua vida, mas atrás da câmara! Documentarista, Cláudia veste o papel de realizadora não participante, mas gradualmente faz-se mais presente. Raramente aparece na frente da objetiva, embora a sua voz se faça sentir em alguns momentos do documentário.

Mãe: sempre presente nas videochamadas com a avó Ludovina, Vitória é uma mãe galinha. Une a família nos momentos mais importantes, seja um aniversário ou um funeral. “Um por todos e todos por um” poderia ser o seu lema.

Paulo e Vera: os amigos das patuscadas, mas também nos momentos de maior isolamento, são eles que têm uma palavra amiga. Festejam os aniversários sempre juntos e este ano de pandemia não foi uma exceção: ainda que os festejos tenham sido virtuais. São os primeiros amigos a fazer uma visita presencial à casa de Joana.

Inês Luís: melhor amiga de Joana, que a conhece desde o tempo de faculdade. Fizeram o internato da especialidade (oncologia) juntas e desde aí não há quem as separe. Já subiram ao Machu Picchu com mochila às costas, portanto estão preparadas para qualquer aventura. Cerca de 1700 km é a distância entre as duas - Inês vive em Paris e Joana em Lisboa -, mas quem sabe muito em breve vão poder viver na mesma cidade.

Amigos das noitadas: aquele grupo de amigos que está sempre pronto para uma noite de copos. Basta Joana enviar uma mensagem de WhatsApp que o grupo une forças e entra em ação. Mesmo durante o confinamento este grupo de amigos solteirões arranjou forma de se divertir. A noite para eles só acaba quando termina a última cerveja fresca do frigorífico. Apreciadores de um bom vinho e de boa música. Defensores dos direitos LGBT.

Grupo de sobreviventes de cancro: mulheres que sobreviveram a um cancro de mama e decidiram escrever um livro com os seus testemunhos, a partir da sua experiência de vida. Joana foi a médica que as acompanhou a par e passo durante a doença e que agora está a ajudar a organizar o lançamento do livro. Dizem que as consultas se tornaram em espaços divertidos, que as ajudava a aliviar a tensão. Passado o susto e depois do tratamento com sucesso, muitas delas dizem-se capazes de falar, apesar de afirmarem que é mais fácil colocar por escrito as suas emoções, do que contar ao mundo o que sentem em voz alta. Será que o livro ficará pronto a tempo da feira do livro?

II.NARRATIVA

NOTAS BREVES

Joana Ribeiro é uma mulher com 39 anos, natural de Lisboa e que é médica na Fundação Champalimaud, uma instituição de renome a nível de investigação científica. É nesta fundação que exerce a sua atividade na área de cancro de mama. Assim que é decretado o estado de emergência em Portugal, esta oncologista passa a trabalhar a maior parte dos seus dias em casa de forma remota. Os telefonemas com as suas pacientes e colegas são constantes. Nos dias em que está “escalada” para trabalhar presencialmente, desloca-se de carro. Nesses trajetos matutinos e no regresso ao final do dia, tantas vezes já de noite, sintoniza a rádio no carro. São talvez os únicos momentos de “silêncio” do dia. E de introspeção.

Os seus avós paternos em tempos viveram no centro de Lisboa, no Chiado. Ela vive num bairro histórico perto do castelo numa casa com vista sobre Lisboa. É aqui que decorre praticamente toda a ação do filme. Estamos entre quatro paredes e sentimos a proximidade com a nossa protagonista: os longos dias de pijama na secretária ou a refeição preparada à pressa e comida no tabuleiro, no sofá. Conhecemos uma médica fora do seu gabinete e sem a imaculada bata branca vestida.

Dentro daquelas quatro paredes a atmosfera adensa-se sempre que o estado de saúde das suas pacientes regride ou quando as discussões com os colegas aquecem. Por contraste, a varanda da casa transforma-se no espaço de evasão: nela conseguimos mergulhar na cidade, desde o Cristo Rei e a Ponte 25 de Abril, pousando sobre o rio Tejo, até alcançarmos o casario da Mouraria e, do outro lado da colina, o miradouro de Santa Catarina, a estação do Rossio e ao longe os edifícios negros das Amoreiras. Nos tempos de confinamento mais estrito e com o cancelamento da maioria dos voos, chegamos a ouvir os passarinhos, instalando-se uma verdadeira calma e paz. Há tempo para ler, ver séries e até montar aquela caixa de legos há tanto esquecida.

Estes tempos de isolamento permitiram Joana recordar momentos memoráveis do seu passado, mas também refletir sobre o futuro. Joana adora astronomia e ela vai revelar-se uma paixão ao longo do filme. Ajuda-a a ver mais longe, para além da realidade terrena que experienciamos. Será também uma chave para entender a morte?



LINHAS NARRATIVAS

A pandemia COVID-19 é o pano de fundo da nossa história. É também o motor de arranque do conflito da narrativa. Nela entrelaçam-se quatro linhas narrativas fundamentais:

1. A vida dentro de quatro paredes vs exterior
2. Os laços familiares/ a avó
3. A astronomia e o sentido da vida
4. O filme dentro do filme

ESTRUTURA NARRATIVA E PROGRESSÃO

O filme progride de forma a acompanhar a transformação subtil da vida da protagonista, desde a primeiro caso de um colega de trabalho infetado com covid (março 2021) - passando pela primeira paciente infetada e pela certeza de que uma grande amiga está infetada, entre tantas outras situações de grande ansiedade-, até ao momento em que ela é vacinada e depois praticamente consegue voltar à sua rotina de trabalho (abril 2021).

Quando a pandemia bate à porta, ninguém está preparado para usar equipamento de proteção. Joana sente na pele a dificuldade de transmitir notícias difíceis aos doentes, sem que estes possam ter alguém ao seu lado para acompanhar ou abraçar. Muitas vezes sem sequer pode ver a sua cara,

porque o contacto é por telefone. As questões são mais do que as respostas: ser ou não voluntária na linha da frente de combate ao coronavírus? como explicar à avó tudo aquilo que se está a passar?

Aproximamo-nos do dia da Revolução dos Cravos e o estado de emergência está vigente. Como celebrar esta data tão importante para a vida de todos nós? As discussões acendem-se sobre como (ou não) se deve celebrar este dia após 46 anos do primeiro 25 de Abril. Frente ao Convento Carmo, do outro lado da colina, desde a varanda da sua casa, Joana e a sua companheira (a realizadora) entoam as vozes e cantam Grândola Vila Morena. Os dias sucedem-se e na companhia dos seus dois gatos, o Aphelio e o Brave. Joana continua com uma rotina intensa de reuniões e telefonemas. Trabalha arduamente para delinear um projeto que estuda o impacto do covid-19 em doentes com cancro. Consegue, juntamente com outros colegas da Sociedade Portuguesa de Oncologia, submeter o projeto à FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia - e finalmente, recebe resposta positiva. Tendo o projeto luz verde para avançar, agora é tempo de arregaçar as mangas!

O Santo António está à porta, já estamos em Junho, mas as habituais festas da cidade não acontecem. Ainda com o confinamento a decorrer, Joana vai a casa de uns amigos para uma sardinhada no pátio. Posteriormente, descobrimos outras facetas da sua vida: o basquete e a astronomia são apenas algumas delas.

Chegamos ao Verão e o país vive uma aparente volta à normalidade: mesmo com restrições, os portugueses podem ir à praia, encontrar-se com amigos nas esplanadas e repor os níveis de vitamina D! Assim, Joana consegue tirar uns dias de férias e ir até à praia no sul. Mas quem pensa que as suas férias foram tranquilas, engana-se, pois o telefone continuava a tocar.

Que outras revelações nos esperam? A celebração dos seus 40 anos e a ida a uma consulta sobre inseminação artificial. Com o avançar da idade, Joana e a sua companheira Cláudia pensam em ter filhos e, quem sabe, casar. Esta opção não se apresenta fácil, face aos olhos da sociedade, nomeadamente no contexto do seu trabalho.

Surge finalmente a vacina que todos ansiávamos! Quais os riscos da vacina e quem deve estar na frente da lista de vacinação? Joana, por ser profissional de saúde, é imediatamente chamada. A Avó Ludovina é também das primeiras pessoas a ser vacinada, pois encontra-se num grupo de risco, no entanto [neste momento do filme] ela já se encontra muito debilitada. O avançar dos meses sem visitas presenciais é decisivo para a perda de importantes capacidades cognitivas. Joana sente muito o facto de não poder estar mais próxima da avó e meses mais tarde o inevitável acontece: a Avó falece. Joana, que até aí se mostra com uma carapaça face à morte, revela uma grande fragilidade nesta experiência de luto tão próximo.

Um ano depois do surgimento do primeiro caso em Portugal, quantos diagnósticos de cancro ficaram por fazer, porque se preferiu esperar, em vez de ir a um hospital com risco de contrair covid? Joana continua a pôr em marcha o projeto de estudo do impacto da pandemia em doentes com cancro e é convidada para participar num importante congresso de Oncologia dando a conhecer o projeto que acabava de nascer: Oncovid.pt. Aos olhos de todos, Joana encontra-se num momento alto da sua carreira.

[Aproximamo-nos do fim do nosso documentário] Somos surpreendidos com um convite inesperado: ir trabalhar para um hospital em Paris. O convite é aliciante, pois permitir-lhe-á levar mais longe a investigação que tanto gosta, mas implica adiar um sonho: ser mãe. Joana e Cláudia viajam por uns dias a Paris e ali encontram-se com a melhor amiga de Joana, Inês Luís. Será uma boa altura para mudar de emprego e país? Inês ajuda-a a refletir sobre este novo desafio de vida e leva-a a conhecer aquela que pode muito bem vir a ser a sua nova cidade.



III. DISPOSITIVO CINEMATográfico

Coexistem dois tipos de imagem no filme: as imagens captadas pela realizadora e as imagens captadas pela própria personagem.

As imagens captadas pela realizadora foram obtidas com a câmara num tripé, originando imagens cuidadosamente enquadradas e com uma paleta de cores maioritariamente quentes. Algumas vezes,

esta interpela a protagonista obtendo respostas espontâneas, sem corte, em bonitos planos sequência, conferindo ao espectador a sensação de estar ali a participar daquela cena, "sem filtros". No entanto o filme praticamente sempre o estilo observacional, mas com um ritmo bastante acelerado, devido à própria intensidade da rotina da personagem. Os diálogos são também muito frequentes.

As imagens que Joana capta foram obtidas por uma câmara fotográfica de bolso, que tem também a funcionalidade de vídeo, ou mesmo com o telemóvel. Estes dispositivos têm uma resolução menor e um formato proposadamente diferente das restantes imagens filme. Além disso, a câmara em mão cria uma estética que associamos aos dispositivos móveis que nos são tão familiares. Representam o olhar subjetivo da personagem principal. Foi pedido à protagonista que relatasse, sempre que possível, "em câmara" (sem microfones adicionais), aquilo que estava a sentir. A ideia é conseguir um registo fresco das sensações e pensamentos *in loco*. Terá que haver um tratamento cuidado das imagens, dos sons e da voz em off destas sequências, de maneira a reforçar esta ideia. Há que salientar que estas imagens e voz aparecem pontualmente ao longo do filme, em jeito de "diário", com respetivas datas.

Para mostrar a situação do país e do mundo em tempo de pandemia covid-19 existe a presença de imagens de telejornal da televisão portuguesa, de forma a criar uma progressão do estado da própria personagem. Esta deve aparecer sempre em interação com os restantes elementos da narrativa. Por exemplo: os gatos a ver o telejornal, enquanto a sua dona fala ao telefone.

ESTILO VISUAL E SONORO

"O Dia Inicial" é um filme que tem muitos diálogos, mas que vive também do som ambiente, tanto do interior da casa, como da varanda que se abre sobre a cidade. Os constantes telefonemas e videochamadas criam uma cacofonia que são exploradas sonoramente e, por isso, em termos narrativos. Nunca como antes se fizeram tantas chamadas por telemóvel ou por *Skype*, reuniões via *Zoom* ou conversas por *Whatsapp*, como durante a pandemia do coronavírus. Esta ideia é amplamente explorada no filme, ao ponto de sentirmos que estamos num constante monólogo.

A má qualidade sonora das videochamadas desgasta a personagem e esse desconforto é transmitido também ao espectador, ajudando a criar uma atmosfera emocional densa nos momentos de muito trabalho. Nos momentos de maior intimidade surgem outro tipo de sonoridades que reforçam o estado psicológico da personagem.

O “silêncio” do interior da casa contrasta com a riqueza sonora do exterior, aqui representada através da varanda. Além de nos proporcionar vistas deslumbrantes sobre a cidade de Lisboa, ela proporciona sons que vão variando em função do momento da pandemia. Devido ao decréscimo da circulação automóvel, durante o estado de emergência, ouve-se o som dos pássaros. À medida que o desconfinamento avança, a cidade torna-se mais barulhenta e os sons habituais da mesma emergem: alguns aviões que voltam a atravessar o céu, as construções, os autocarros e mais automóveis, etc. Estes ambientes juntamente com os efeitos sonoros ajudam a orquestrar a narrativa e reforçam a progressão e transformação da personagem.

A música terá uma presença muito pontual, mas será um elemento importante na ligação entre as diferentes fases do filme. Ajudará a sublinhar momentos de reflexão e estados psicológicos da personagem. A composição musical será melodicamente simples, com um tom que se assumirá às vezes mais vivo e alegre, outras vezes mais triste e pesado. Está nos nossos planos poder gravar a composição musical em estúdio.

A cor é um dos elementos fundamentais neste filme, marcando as diferentes fases da dramaturgia. No início, com o confinamento e a presença de muitos interiores, temos cores muito quentes, marcadas pelos laranjas, vermelhos e preto. À medida que se avança no tempo, e com o maior número de saídas para o exterior da casa (seja com o trajeto pelas ruas, como através das “escapadelas” para a varanda), a paleta de cores torna-se mais variada e contrastante. Na terceira e última parte do filme, com a chegada do verão, a paleta de cores é mais luminosa – corresponde ao período de desconfinamento.

IV. A PROTAGONISTA NA 1ª PESSOA

A PANDEMIA E OS CUIDADOS DE SAÚDE

A pandemia alterou vários domínios das nossas vidas. No âmbito familiar e social a minha vivência não é, com certeza, diferente da coletiva e foi, e infelizmente continua a ser, marcada por um distanciamento doloroso.

No âmbito profissional foi interessante perceber que apesar de muito ter mudado, alguns aspetos permaneceram intocáveis. Nada mudou relativamente à exigência dos horários, ou da presença física de uma profissão como a médica. O teletrabalho raramente funciona na medicina em geral e na oncologia (a minha área) em particular. No entanto, a natureza e características desta doença (covid-

19) e particularmente da sua propagação vieram impor várias alterações e exigências ao modus operandi das instituições de saúde, particularmente restritivas nos primeiros meses pandémicos. Essas restrições tiveram impacto direto no acesso a consultas médicas, a exames complementares de diagnóstico, a programas de rastreio e na forma de prestação de cuidados de saúde, alterando a relação médico-doente-família. No âmbito da oncologia o funcionamento desta tríade é absolutamente fundamental em várias etapas do percurso do paciente.

A COMUNICAÇÃO E A VIVÊNCIA DO LUTO

A pandemia e as restrições impostas às instituições de saúde, com o objetivo de evitar a propagação da doença, prejudicaram em especial a comunicação e a vivência do luto.

Os cuidados de saúde têm-se transformado bastante nos últimos anos em várias vertentes. Por um lado, reconhecemos a necessidade de uma participação mais ativa do sujeito na tomada de decisão. Neste âmbito temos assistido à prática cada vez mais generalizada de abordagens em que médicos e doentes (apoiados na maioria das vezes pela família/amigos) partilham a melhor evidência disponível, quando confrontados com a tarefa de tomar decisões, e em que os doentes são apoiados na sua autonomia para decidir por preferências informadas. As limitações de acesso às instituições de saúde alteraram a forma de partilha desta informação excluindo por vezes intervenientes essenciais. As consultas passaram a ser realizadas com telemóveis em alta voz ou com uma chamada vídeo de WhatsApp. A era digital promete anular distâncias, mas não consegue, por enquanto, concretizá-lo em pleno.

Por outro lado, hoje em dia é mais comum perder um familiar no seguimento de uma doença terminal persistente do que por morte súbita. A família e os amigos próximos, junto com a pessoa com a doença limitante, têm agora muito mais tempo para enfrentar a perspectiva da morte e de se despedir. Isto, por sua vez, mudou o processo de luto, sendo este cada vez mais suportado pelas famílias, em vez de apenas pelos indivíduos. Com a pandemia, o processo de luto, que se inicia muito antes da morte, alterou-se profundamente de uma forma que seria impensável antes de 2020, levando a uma desumanização dos cuidados de saúde.

MEMÓRIA E FUTURO

Desta pandemia e do que mudou drasticamente guardarei com certeza a memória de consultas com notícias difíceis transmitidas a pessoas sozinhas cujas famílias se encontravam em muitos casos a

O Dia Inicial de Cláudia Alves

aguardar no exterior. Guardarei a lembrança das unidades de cuidados paliativos em que a permanência dos familiares não era permitida... em que voltámos a morrer sozinhos. Algo completamente inadmissível antes de Março de 2020 e que contraria tudo o que os cuidados de fim de vida promovem.

Guardarei também a memória dos internamentos apressados, otimizámos sob pressão cuidados de suporte para evitar internamentos no dia 24 de Dezembro que, com certeza, se traduziriam em alguns casos num último Natal passado solitariamente, sem a companhia dos mais próximos. Guardarei com certeza todos as caras pela metade das pessoas que conheci pela primeira vez durante este ano de pandemia e que espero conhecer em pleno em breve. Guardarei a lembrança do que foi perder o toque e da sua importância na comunicação, na transmissão de empatia ou de esperança.

Aprendemos muito no último ano no que diz respeito aos cuidados de saúde e à forma como os prestamos. O meu desejo é que a experiência que adquirimos, nos permita preparar melhor a resposta a próximas pandemias e àquilo que resta desta, sem alterar tanto a comunicação e a relação com o outro.

Joana Trindade Lopes Ribeiro

TEASER DO FILME

<http://blablabledia.com/o-dia-inicial/>

BIOFILMOGRAFIA DA AUTORA



Cláudia Alves é artista visual e realizadora independente. Formou-se em realização pela Escola Internacional de Cinema de San Antón de Los Baños (Cuba), fundada por García Márquez e outros prestigiosos intelectuais latino-americanos. Anteriormente licenciou-se em artes plástica-pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa e estudou na Academia de Belas Artes de Brera, em Milão. Cláudia trabalhou como realizadora e fotógrafa em várias curtas e média-metragens em Portugal, no Brasil e em Cuba. Os seus filmes foram exibidos na televisão portuguesa (RTP), projectados e premiados em vários festivais internacionais. A sua curta "Compacta y Revolucionaria", acerca das contradições da situação cubana actual, foi reconhecida com o prémio "Caracol" – melhor realização – atribuído pela União de Escritores e Artistas Cubanos (UNEAC). O mesmo filme mereceu o prémio de melhor curta-metragem no Festival "Cine Verité" (Teerão), e melhor documentário de escolas de cinema, no festival MIFEC. "Tales on Blindness" é a sua primeira longa-metragem, um documentário de ensaio sobre o contexto da presença portuguesa na Índia.

Foi professora no ensino secundário, responsável pela concepção e coordenação de workshops de documentário comunitário, bem como outros ateliers de expressão plástica. Colabora regularmente com o serviço educativo da Apordoc, do festival Doclisboa e da Cinemateca Júnior e, mais recentemente, com o Indie Lisboa e o projecto Insuflar Cinema. É tutora no Mestrado *Erasmus Mundus* Docnomads.

Actualmente trabalha na pesquisa, realização e produção de documentários na Ukbar Filmes, produtora fundada por Pandora da Cunha Telles e Pablo Iraola, com um extenso currículo em documentário e ficção para cinema e televisão. Neste momento está a desenvolver dois projectos da sua autoria: "As Damas" (em fase de pesquisa e escrita) e "O Dia Inicial" (em fase de montagem).

FILMOGRAFIA

(Ano/ Título original/ Título em inglês / Duração)

2018 – A Vida nas Trincheiras/ Life in the Trenches (10 x 5', série doc)

2016 –The elephant and the blind men (5')

2014 – Tales on Blindness (120')

2012 - Sobre Viver / Living on (51')

2012 - El Cartero / The Postman (10')

2012 - Compacta y Revolucionaria / Compact and Revolutionary (33')

2011 - Ser un Ser Humano / To Be a Human Being (6 x 5', série doc)

2010 - Brigada Intramuros / Intra-Walls Brigade (16')

2010 - For my grandmother II (8')

2009 - Pasajeros / Passengers (13')

2009 - Refeição / Lunch time (4')

2008 - A Ocasão Seguinte / The Next Occasion (36')

2005 - A Ocasão / The Occasion (48')

LINKS - Selecção de alguns trabalhos:

TALES ON BLINDNESS: <https://vimeo.com/67046625> [password: elephant]

SOBRE VIVER: <https://vimeo.com/50744422> [Password: Laura]

COMPACTA Y REVOLUCIONARIA: <https://vimeo.com/39490840> [Password: Zoraida]

www.claudia-alves.com

ANEXO:

ARGUMENTO PROVISÓRIO

O DIA INICIAL

De Cláudia Alves

(argumento de documentário cinematográfico)

cenas iniciais

Produção: Blablaba Media

1. INT. CARRO. NOITE

JOANA (39) está parada no semáforo, sentada na sua viatura. Escutamos o som da rádio que transmite música rock, num volume baixo.

JOANA (OFF)
Vamos ver quantos sapiens é que andam pelo Camões!

A viatura arranca sem que vejamos a cara da condutora. Avistamos pelo vidro o Largo de Camões e seguimos por uma rua descendente e escura. Os trilhos metálicos do elétrico refletem a fraca luz dos candeeiros da rua.

JOANA (OFF)
Não há viv'alma no grande centro histórico da cidade de Lisboa. Primeiro dia do Estado de Emergência. Não sei se os meus avós que viveram no Chiado durante muito tempo, se lembram de ver a cidade alguma vez assim.

A viatura não se cruza com nenhum outro carro ou transporte público, nem mesmo transeuntes. A luz é quente. A viatura volta a travar num semáforo e a janela do vidro do condutor abre-se.

TÍTULO

GENÉRICO DE INÍCIO

2. EXT. RUA EMPEDRADA. NOITE

JOANA caminha por uma rua empedrada pouco iluminada, ladeada de edifícios antigos. A respiração é ofegante.

JOANA (OFF)
Regressar a casa às dez da noite. Acho que hoje pela primeira vez tenho algum medo de andar nestas ruas à noite.

3. INT. SALA. NOITE

Pela janela observamos a paisagem urbana e a cidade estática. Uma estátua impõe-se no meio de uma praça, como se fosse o único habitante vivo na cidade.

JOANA (OFF)

Porque este sintoma de perder o olfato é um sintoma que eles descreveram pela primeira vez aí em França, não foi? E eu hoje dei por mim a cheirar coisas...

JOANA está sentada no sofá e fala ao telemóvel. Apresenta sinais de cansaço.

JOANA

Opá, claro, claro! Por exemplo, eu acho que uma das consultas mais úteis que eu já fiz desde há quinze dias foi uma consulta pelo telefone, onde ela me disse assim: "Doutora, eu tinha marcado consulta porque tinha sentido um nódulo na mama a crescer." E eu disse: "Pronto, vem cá e fazemos uma eco." Tumba! uma recidiva. Agora o resto mulheres que estão bem!? Eu não sei... eu acho que o pessoal está todo... acho que estão a ver mal a situação.

Inclina-se sobre o sofá e faz festas ao seu GATO.

JOANA

Qual é a percentagem de doentes que tu tens de presidenciais?

(Pausa para ouvir o interlocutor do outro lado)

Claro, mas eu acho que tu devias fazer o teste. Estando ou não infectada eles mandam-te ver doentes, é isso? Mas se estiveres infectada tens que ter um equipamento de proteção ou os doentes têm que ter um equipamento de proteção diferente!

(Pausa para ouvir o interlocutor do outro lado)

Claro, claro, claro...

4. EXT. VARANDA. DIA

O Dia Inicial de Cláudia Alves

JOANA coloca duas tacinhas com comida no chão e os seus dois GATOS vêm a correr.

JOANA

Aphelio!

Escuta-se o toque de um telemóvel.

JOANA (OFF)

Sim, escrevemos e foi discutido entre nós, Unidade de Mama-Oncologia, foi que os doentes fariam no mesmo timing pesquisa de covid e a recolha de sangue.

5. INT. ESCRITÓRIO. DIA

JOANA encontra-se sentada à secretária, com o computador e outros objetos de papelaria sobre a mesa, continuando a conversa ao telemóvel, em modo "voz alta". Enquanto fala ao telefone, os gatos estão a apanhar sol na varanda, sobre um sofá com almofadas desbotadas pelo sol. Lambem o pelo e brincam um com outro.

VOZ FEMININA 1

Outra coisa, às tuas velhinhas, muito velhinhas que não dormem, com 90 anos, o que é que tu dás?

JOANA

Opá...

VOZ FEMININA 1

Eu costumo dar Zolpicone.

JOANA

E o que é que é isso? O que é o Zolpicone? É mesmo o princípio activo? Não sabia...

VOZ FEMININA 1

O que é que tu fazes a estas velhinhas? Tenho medo de a matar!

JOANA

Pois, pois... Uma coisa que funciona muito bem e que parece ser muito segura é o ADT à noite. Mas, é assim, na realidade, nós fazemos o Zolpidem,

pois é relativamente seguro, é um fármaco seguro, os psiquiatras dão sem problema nenhum aos velhotes.

VOZ FEMININA 1

Pois, eu acho que vou fazer 5 mg do Zolpidem.

JOANA

Exato, fazes meio, para ver se ela acerta o sono.

6. INT. SALA. ENTARDECER

JOANA está sentada no sofá e fala ao telemóvel. Uma luz quente entra pela janela e através do vidro avistamos a paisagem urbana ao longe.

JOANA

Sim, inscrevi-me!

(Pausa para ouvir o interlocutor do outro lado)

JOANA

Sim, poderia, claro. É aonde? No Hospital Militar, em Belém? Sim, quer dizer, eu sou oncologista. Eu estou a ver doentes, penso que 12 horas por semana, poderia...

(Pausa para ouvir o interlocutor do outro lado)

Sim, claro que teria que ter autorização da minha instituição. Sim...

(Pausa para ouvir o interlocutor do outro lado)

Quando é que vão saber? Dia 20? Está bem, sim senhora. Combinado. Obrigada!

7. INT. ESCRITÓRIO. ENTARDECER

JOANA encontra-se sentada à secretária e pesquisa no computador, que tem a página do Google aberta.

JOANA

Hospital Militar... Hospital das Forças Armadas... Deixa-me pôr aqui Belém. Olha, está aqui.

Lê em voz alta a informação encontrada no motor de busca.

JOANA

Ressuscitado Hospital Militar de Belém. Diário de Notícias. A estrutura hospitalar do exército... Ah! Está aqui! Centro de apoio militar covid 19.

7. INT. SALA. NOITE

Os dois GATOS assistem à abertura do telejornal, cada um na respetiva alcofa.

APRESENTADOR (TV)

Boa noite, há novas regras para circular em Portugal. O Governo decretou que as pessoas infectadas ou que estão em vigilância ativa têm obrigatoriamente de respeitar o isolamento imposto pelas autoridades. Se desobedecerem incorrem num crime de desobediência. No caso dos grupos de risco, pessoas com mais de 70 anos, ou com doenças graves, ficam obrigados ao dever especial de proteção...

JOANA

Eu também acho isso razoável, o que eu não acho razoável é eu trabalhar dois dias por semana, numa altura em que são precisos médicos... Mas eu vou pôr isto à consideração da Fundação, eu não vou para lá sem o conhecimento da Fundação, percebes?

(Pausa para ouvir o interlocutor do outro lado)

O Dia Inicial de Cláudia Alves

Posso não ver doentes durante esse período, percebes? É assim, Rita, nós não temos movimento...

PRIMEIRO MINISTRO (TV)

Contenção na expansão da pandemia, com o mínimo de perturbação da vida do dia a dia...

JOANA

Imagina que eu sou imune, o risco não é assim tão grande, não é?

(Pausa para ouvir o interlocutor do outro lado)

Mas isto não é para começar agora, é só se for preciso... a partir do fim do mês. Portanto, não me disseram "Vai ser chamada"... "Está disponível? E quantas horas por semana?" Mas, é assim, o que eu pretendo fazer é dizer que fui contactada e perceber qual é a posição da Fundação também.

APRESENTADOR (TV)

O bloco de esquerda quer que o governo suspenda os despedimentos. Já o PSD prefere não comentar...

JOANA

Sim, em princípio o Hospital Militar vai apenas receber doentes sem critérios de gravidade. Sim, como os hospitais de campanha... que são só pessoas que... ou já estão a recuperar...

PRIMEIRO-MINISTRO (TV)

Por internamento domiciliário, constituindo crime de desobediência...